

Originalmente publicado em: Lago, Cláudia e Benetti, Marcia. (Org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. São Paulo: Paulus, 2006, v. 1, p. -. Petrópolis: Vozes, 2007, v. , p. 199-222.

Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL

Elias Machado*
Marcos Palacios**

“ Quem forma se forma e reforma ao formar.
E quem é formado forma-se ao ser formado ”

Paulo Freire

Resumo:

Este capítulo trata da metodologia de pesquisa desenvolvida ao longo dos últimos 10 anos pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Híbrida, a metodologia adotada incentiva a pesquisa qualitativa, incorpora os estudos de casos específicos como campos de prova para as hipóteses de trabalho elaboradas pelos pesquisadores do GJOL e, mais recentemente, utiliza a pesquisa aplicada como laboratório para a produção conceitual.

Apresentação

Quando começamos nossas pesquisas no campo do jornalismo digital no início de 1995 percebemos que deveríamos atuar em duas frentes: 1) de mapeamento das modificações porque passava o novo tipo de jornalismo que emergia com o ciberespaço e 2) de elaboração conceitual sobre as particularidades desta modalidade jornalística. Este

tipo de preocupação nos obrigou a adotar desde o primeiro momento um tipo de metodologia híbrida, que fomos aperfeiçoando ao longo dos anos. Desde nosso primeiro trabalho, o Manual de Jornalismo na Internet, (1996), tivemos o cuidado de enfrentar o desafio de aplicar uma metodologia que nos permitisse dar conta destas duas frentes.

Como necessitávamos estabelecer os contornos do novo campo – com o cuidado de mapear os produtos em forma de gestação no mercado - optamos por, ao mesmo tempo, que apresentávamos conceitos-chave como jornalismo digital, usuário, multimídia, produção descentralizada, interatividade, atualização constante e hipertextualidade, identificar as principais características das publicações jornalísticas brasileiras e estrangeiras, possibilitando a compreensão tanto dos fundamentos teóricos, quanto das particularidades de organizações concretas neste tipo de prática jornalística.

No final de 1995, quando o professor Elias Machado elaborou seu projeto de doutorado, que seria realizado na Universidade Autônoma de Barcelona, nosso modelo metodológico para pesquisas envolvendo o jornalismo digital estava bem mais definido. Naquela proposta dava-se continuidade a uma metodologia híbrida, centrada na discussão conceitual da nova prática jornalística, complementada por estudos de caso dentro das redações de organizações jornalísticas previamente selecionadas. Neste modelo híbrido, procedimentos de pesquisa qualitativa e quantitativaⁱ são ações complementares no processo contínuo de compreensão conceitual sobre a produção de informações nas organizações jornalísticas no ciberespaço nas sociedades contemporâneas.

Nos trabalhos realizados entre 1996 e 2000, (Machado e Palacios,1996a,1996b, Machado, 1997, 1998, 1999), quando defesa da tese *La estructura de la noticia en las redes digitales* pelo professor Elias Machado, pudemos aperfeiçoar esta metodologia, que

passara a ser utilizada de modo mais sistemático pelos pesquisadores do GJOL desde 1999 (Prado, 2000, Silva Júnior, 2000; Palacios, Ribas e Narita, 2000; Palacios, Ribas e Mielniczuck, 2001, 2001 Barbosa, Mielniczuck, 2003; Machado e Palacios, 2003; Porto Alegre, 2004, Machado, Borges e Miranda, 2004a; 2004b Silva, 2004; Silva Júnior, 2004; Schwingel, 2004; Moherdau; 2005; Nogueira, 2005; Palacios e Munhoz, 2004, 2005).

Nesta metodologia o pesquisador percorre três etapas: 1) revisão preliminar da bibliografia, acompanhada da análise de organizações jornalísticas relacionadas ao objeto de estudo; 2) Delimitação do objeto com formulação das hipóteses de trabalho e estudos de caso com pesquisa de campo (participante ou não) nas organizações jornalísticas e 3) Elaboração de categorias de análise, processamento do material coletado e definição conceitual sobre as particularidades dos objetos pesquisados. Nossa metodologia permite que o pesquisador, por um lado, revise a bibliografia corrente sobre o objeto e, por outro, possibilita que esta produção conceitual seja testada em estudos de casos específicos.

O modelo metodológico adotado pelo GJOL, mesmo apresentando certas características específicas para pesquisas no campo digital, tem larga tradição no campo do Jornalismo (Park, 1921; Rosten, 1937; Breed, 1952; Tunstall, 1970; 1972; Tuchman, 1978; Gans, 1980; Machado, 1992; Ribeiro, 1993). Para o pesquisador do GJOL o fenômeno jornalismo assume a configuração de um processo que, para fins esquemáticos, consta de quatro etapas: 1) apuração 2) produção 3) circulação e 4) consumo de informações. Estas quatro etapas são consideradas como parâmetros essenciais para a organização de modelos de produção de conteúdos jornalísticos em sociedades complexas. A seguir comentamos cada uma atividades de nossa metodologia de pesquisa:

Fase 1: Análise Preliminar do objeto

Para ingressar na pós-graduação o candidato necessita defender um projeto de trabalho. Nesta fase, ao mesmo tempo em que avança na revisão da bibliografia o pesquisador começa as análises preliminares sobre o objeto de estudoⁱⁱ. Neste primeiro momento, as observações são menos sistemáticas, sem a necessidade de emprego de metodologias determinadas como a análise de conteúdo, por exemplo.

A Análise Preliminar tem um duplo objetivo: 1) completar a revisão da bibliografia e 2) mapear o campo para a escolha definitiva das organizações jornalísticas que serão utilizadas nos estudos de caso. A representatividade deste mapeamento depende muito da qualidade da revisão da bibliografia. A experiência revela que, quando faz o dever de casa, revisando a bibliografia internacional, a bibliografia nacional e a produção dos membros do GJOL, o pesquisador rende mais em menos tempo.

A Análise Preliminar consome, em geral, os primeiros dois semestres dos cursos de mestrado e doutorado, mais ou menos o tempo que o aluno leva para concluir os créditos obrigatórios. Na iniciação científica, esta fase costuma consumir os primeiros seis meses. Como a pós-graduação brasileira tem prazos pré-estabelecidos para conclusão, o ideal seria que a Análise Preliminar fosse finalizada no máximo até o terceiro semestre.

Neste período, quando toma contato com a produção mais recente – na revisão da bibliografia e nas disciplinas obrigatórias regulares - o pesquisador aproveita para em conjunto com o orientador ajustar ou mesmo reformular o projeto original. Uma Análise Preliminar bem feita coloca o pesquisador em condições de partir para a segunda fase da pesquisa, em que deverá delimitar o objeto de estudo e definir as hipóteses de trabalho.

Fase 2: Delimitação do objeto de estudo

Feito o dever de casa – com a revisão da bibliografia e a análise preliminar – o pesquisador entra na segunda fase em que – necessita definir tanto as hipóteses de trabalho que nortearão a pesquisa quanto as organizações jornalísticas que servirão de objeto para os estudos de caso. No trabalho de pesquisa todas as etapas são relevantes, mas - do ponto de vista da potencialidade dos futuros resultados – não resta a menor dúvida de que a formulação das hipótesesⁱⁱⁱ de trabalho aparece em primeiro lugar.

A originalidade das hipóteses como que antecipa a originalidade dos futuros resultados porque indica os aspectos identificados como relevantes na análise preliminar que serão analisados sistematicamente. No GJOL, todos os pesquisadores – desde a iniciação aos doutorandos – são estimulados a formular hipóteses de trabalho para as suas pesquisas ou ao menos a refinar as hipóteses de trabalho previamente formuladas por outros membros do grupo.

Quando desenvolve a primeira fase - A Análise Preliminar -, o pesquisador orienta suas ações para dois objetivos específicos: 1) identificar hipóteses de trabalho que considere relevantes para a compreensão do objeto estudado e 2) identificar regularidades ou discontinuidades que julgue relevantes para a formulação de novas hipóteses de trabalho. As duas ações complementares, como veremos mais adiante, são essenciais quando da definição das organizações jornalísticas para os estudos de caso.

A rigor, do ponto de vista dos resultados, tanto faz que o pesquisador opte pelo estudo das regularidades ou das discontinuidades. Neste caso, a eleição depende mais da potencialidade das hipóteses de trabalho formuladas para a compreensão da prática jornalística que do tipo de aspectos considerados relevantes.

Levantadas as hipóteses de trabalho que serão testadas pelo pesquisador - normalmente são elaboradas ao menos três hipóteses principais e mais quatro a cinco derivadas ou secundárias - vem a etapa em que ocorre a seleção das organizações jornalísticas em que serão desenvolvidos os estudos de casos. Para trabalhos de iniciação científica o número varia de um a dois casos para cada pesquisa. Nos trabalhos de mestrado o número fica entre dois e três e, nas teses de doutorado, o número de casos varia entre três e cinco.

Os critérios básicos para a definição dos objetos do estudo de casos são: 1) originalidade; 2) representatividade e 3) diversidade. Estes critérios existem para facilitar o trabalho de seleção. Ao longo do tempo verificamos que quanto mais original for a organização, mais adequada será para os propósitos do pesquisador; quanto mais representativa de uma tendência mais chances terá de ser incluída e quanto mais distante estiver das tendências dominantes levantadas melhor porque serve como contraprova.

Procedimentos nos estudos de caso

Definidos os objetos de estudo de caso^{iv}, o primeiro procedimento que cabe ao pesquisador é elaborar o Protocolo^v de Estudo de Caso, em que deverá estabelecer um roteiro para pesquisa de campo^{vi}, com definição de período, técnicas de coletas de dados, procedimentos e conduta que serão adotados. Muitas vezes desconsiderado, o Protocolo de Estudo de Caso funciona como um roteiro que aumenta o controle do pesquisador sobre o objeto, com o aproveitamento melhor do tempo e aplicação correta das técnicas de coleta disponíveis no levantamento dos dados necessários para a pesquisa.

Os modelos de pesquisa de campo empregados pelo GJOL nas redações são variáveis. Em alguns casos as pesquisas de campo são do tipo participante^{vii} (Schwingel, 2003; Moherdau, 2005), em outros de simples observação (Machado, 2000; Silva Junior, 2000; Porto Alegre, 2004); em alguns, sequer são realizadas pesquisas de campo, com o estudo dependendo da observação sistemática à distância, complementada com entrevistas e aplicação de questionários aos membros das redações (Machado, Borges e Miranda, 2005; Palacios e Munhoz, 2005).

O período médio adotado nas pesquisas de campo participante varia entre uma a duas semanas. Quando o pesquisador trabalha na organização o tempo pode aumentar muito, em algumas circunstâncias, chegando a alcançar dois anos. As pesquisas de campo têm para o pesquisador uma dupla função: 1) testar *in loco* as hipóteses de trabalho e 2) levantar informações complementares sobre organizações paradigmáticas. Além da observação direta dos processos de produção nos estudos de campo, as técnicas de coleta de dados mais utilizadas são os questionários com perguntas fechadas e abertas e as entrevistas semi-estruturadas em profundidade com os profissionais.

O Estudo de caso como ilustração

Ao contrário dos estudos de caso tradicionais, que têm como resultado trabalhos descritivos sobre objetos muito delimitados, sem muitas pretensões conceituais mais amplas, nas pesquisas dos membros do GJOL os estudos de caso são uma etapa de um processo de combinação de metodologias que objetiva a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto^{viii}, sendo utilizados para ilustrar argumentos,

demonstrar a validade ou refutar hipóteses de trabalho previamente levantadas pelo próprio pesquisador ou em trabalhos revisados na literatura corrente.

A prioridade para a pesquisa conceitual provoca conseqüências no formato dos trabalhos dos pesquisadores do grupo. Em vez do modelo convencional de Estudo de Caso em que, numa primeira parte, constrói-se o referencial teórico e, numa segunda, descreve-se o objeto estudado, demonstrando-se as hipóteses levantadas, no GJOL, na medida do possível, os pesquisadores são orientados para distribuir as descobertas dos casos ao longo de todo o artigo, dissertação ou tese.

Nas pesquisas do GJOL, um estudo de caso fundamenta, pois, argumentações na discussão de hipóteses de trabalhos sobre indícios de uma realidade muito mais ampla, possibilitando identificar conceitos e variáveis que podem ser estudados quantitativamente. Com este procedimento, a metodologia empregada permite que a realidade do conceito – uma abstração que por definição descreve, mas não representa realidade alguma – seja contrastada com a realidade diversificada dos objetos estudados nos casos, possibilitando que, quando for necessário, o conceito posto à prova seja reformulado para incorporar os aspectos até então desconsiderados.

No campo do jornalismo este tipo de metodologia retoma, como vimos antes, as contribuições de pesquisadores pioneiros como Robert Park, Leo Rosten, Warren Breed, Jeremy Tunstall, Gaye Tuchman e Herbert Gans, entre outros. Uma tradição antiga, que apresenta produção regular desde a década de 20 do século passado. Depois de perder terreno para os estudos de caso convencionais, disseminados quase como uma cartilha após a Segunda Guerra Mundial, este tipo de estudo de caso voltou a ganhar espaço com a retomada das pesquisas qualitativas desde o começo dos anos 70 do século X

Fase 3: Definição conceitual

Terminados os trabalhos de revisão da literatura e estudos de caso, chega a vez da parte mais nobre da pesquisa: a definição das categorias de análise e a elaboração dos conceitos capazes de dar conta das particularidades do objeto. Como todas as pesquisas do GJOL têm uma preocupação teórica, esta fase desempenha uma função central para alcançar os objetivos propostos. No GJOL partimos do pressuposto que a produção de conhecimento depende de três tipos de procedimentos básicos: revisão e crítica da literatura; descrição de realidades e criação de conceitos e categorias de análise. Nossos pesquisadores são incentivados à formulação de conceitos e categorias de análise em todos os níveis, mas nas dissertações de mestrado e teses de doutorado esta etapa aparece como um pré-requisito para a defesa dos trabalhos.

De posse das informações coletadas em campo e na revisão da literatura, o pesquisador necessita, primeiro, definir conceitualmente o objeto de estudo e, segundo, formular as categorias de análise que permitirão o desenvolvimento do artigo, dissertação ou tese. Os conceitos e as categorias de análise^{ix} são formulações abstratas, elaboradas com a finalidade de definir e descrever realidades ou objetos. Toda construção teórica, como afirma Goldemberg (1997:79), é um sistema cujos eixos são os conceitos e as categorias de análise, unidades de significação que definem a sua forma e o seu conteúdo. Estas duas formas de abstração são indispensáveis no processo de produção de conhecimento.

Ao deixar de definir conceitualmente o seu objeto, o pesquisador comete um erro metodológico primário, previsto em qualquer manual de pesquisa científica. Um objeto mal definido impede o pesquisador de formular e testar hipóteses claras e precisas. Sem

boas categorias de análise o pesquisador terá dificuldades para sistematizar as informações recolhidas na coleta de dados. Uma boa categoria de análise necessita estar fundamentada no referencial teórico da pesquisa, pressupõe a divisão do material em seus elementos componentes, sem perder de vista a sua relação com o todo, e deve sintetizar descritivamente aspectos relevantes e dimensões contraditórias do objeto de estudo.

Produção conjunta como metodologia

Nas sociedades complexas a produção do conhecimento torna-se, cada vez mais, uma atividade profissional e altamente especializada, exigindo que a tarefa da pesquisa científica seja desenvolvida por equipes de pesquisadores. No GJOL, todos os pesquisadores – dos iniciantes aos seniores - são estimulados ao trabalho em conjunto e previamente articulado com os projetos desenvolvidos pelo grupo^x. Cada novo trabalho de pesquisa busca avançar os conhecimentos acumulados, reformulando ou atualizando resultados prévios.

O candidato a pesquisador, para entrar no GJOL, necessita apresentar uma proposta dentro das áreas de interesse de um dos projetos dos orientadores credenciados^{xi}. A vinculação direta aumenta a sinergia entre os pesquisadores selecionados, que podem aproveitar os resultados alcançados antes pelos colegas, sem necessidade de partir sempre do zero. Uma vantagem comparativa que possibilita, por exemplo, que um pesquisador recém incorporado formule hipóteses a partir de pesquisas ou levantamentos de outros colegas, sem a necessidade de realizar um estudo específico.

Para institucionalizar o intercâmbio entre os pesquisadores, o GJOL estabeleceu quatro mecanismos básicos: 1) todos os pesquisadores devem, necessariamente, revisar a

bibliografia produzida pelo grupo^{xii}; 2) oferta de disciplinas optativas pelos pesquisadores-orientadores do grupo a cada semestre 3) reuniões mensais para a discussão de obras sobre o jornalismo digital e 4) produção coletiva de artigos e livros.

Nas reuniões mensais para a discussão, cada membro, em forma de rodízio, apresenta obras para discussão coletiva. Todos, com exceção dos pesquisadores seniores, incluindo os iniciantes, são convocados à apresentação de uma obra de referência, previamente escolhida nas próprias reuniões do grupo. As reuniões de debate de bibliografia e as disciplinas optativas são um laboratório para que cada membro teste idéias, intuições, hipóteses, categorias ou conceitos em processo de desenvolvimento.

Desde o começo estava claro para os coordenadores do GJOL que o trabalho em conjunto deveria ser um dos princípios norteadores do grupo (Machado e Palacios, 1996a; 1996b; Machado e Palacios, 2003; 2004a; 2004b; 2004c; 2005). Com a incorporação paulatina dos orientandos, (Mielniczuck e Palacios, 2002); (Palacios, Ribas, Barbosa e Narita, 2003); (Machado, Borges e Miranda, 2003; 2004a; 2004b; 2004c; 2005), (Palacios e Munhoz, 2004; 2005) o grupo resolveu criar um projeto editorial próprio, com o lançamento em 2003 das Edições GJOL, um selo editorial que, através de uma parceria com a editora Calandra^{xiii}, publica os resultados das pesquisas, possibilitando a sua utilização pelos colegas de outras instituições.

Das redes aos modelos aplicados de pesquisa

Mais que um projeto acabado, estabelecido *a priori*, a metodologia de um grupo de pesquisa vai sendo aperfeiçoada ao longo do processo, ganhando novos formatos sempre que necessário, seja para incorporar procedimentos reconhecidos como válidos, seja para

atender novas demandas assumidas pelas atividades, cada vez mais complexas dos pesquisadores.

Vencida a etapa da estruturação interna como uma equipe coletiva de pesquisa – articulada entre os anos de 1996 e 1999 – o GJOL estava preparado para dois outros passos essenciais na produção de conhecimento nas sociedades contemporâneas, com profundas conseqüências para as metodologias de pesquisa empregadas pelos pesquisadores do grupo: 1) estabelecer redes nacionais e internacionais de pesquisa teórica e aplicada e 2) alavancar sistemas locais de inovação tecnológica.

Os desafios da pesquisa em rede

Nenhum grupo de pesquisa de ponta pode deixar de estabelecer redes nacionais e internacionais de pesquisa em que funcione como um ponto dentro de uma múltipla estrutura que reúne pesquisadores com várias tradições, metodologias e conhecimentos particulares em torno de projetos temáticos comuns. Desde 2002 o GJOL participa de convênios de cooperação científica com colegas de outros países.

O primeiro deles firmado em 2002, com a Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos, recebe financiamento da CAPES e congrega pesquisadores de dois programas de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, Comunicação e Ciências da Informação e dos departamentos de Rádio e Televisão, Jornalismo e Ciências da Informação, da Universidade do Texas.

Como primeiro resultado deste convênio os pesquisadores do GJOL publicaram quatro estudos comparados sobre a produção de conteúdos em jornais digitais em Austin e Salvador, em livro lançado pela EDUFBA, em 2005^{xiv}. O Convênio possibilita o

intercâmbio de professores e estudantes para cursos rápidos, viagens em missão científica e cursos de doutorado sanduíche, no caso brasileiro.

Até agora o professor Elias Machado esteve duas vezes em Austin (2003 e 2005) e o professor Marcos Palacios uma (em 2004), participando com a apresentação de trabalhos de pesquisa na I e na II *Brazilianists Conference*, que ocorre em fevereiro de cada ano em Austin, organizada pelo *Brazilian Center*.

O segundo convênio de cooperação, em vigor desde 2003, que veremos com mais detalhes no tópico sobre pesquisa aplicada, é a Rede Latino-americana para o Desenvolvimento de Metodologias e Softwares para o Ensino de Jornalismo em Redes de Banda Larga, contemplado com recursos do Pronex CNPq/Fapesb. Nesta rede contamos com as presenças dos colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); da Escola de Comunicação, na Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina e do Instituto Tecnológico de Monterrey, no México.

O terceiro convênio entrou em vigência em janeiro de 2004, financiado pelo Programa Alpha, da União Européia e prevê a pesquisa comparada sobre o ensino de jornalismo na era digital na América Latina e na Europa. Desta parceria fazem parte as seguintes universidades: Federal da Bahia e Unijuí, do Brasil; Austral e Rosário na Argentina; Beira Interior, em Portugal; de Havana, em Cuba; Vic, na Espanha, Lille, na França e a empresa de comunicação Ars Media, de Milão, Itália. O primeiro encontro da rede para discussão de resultados preliminares ocorreu em Havana, em dezembro de 2004, e contou com a presença do professor Marcos Palacios, que apresentou trabalho sobre a experiência da FACOM/UFBA no ensino do jornalismo digital nos últimos dez anos.

As redes de pesquisa são importantes quando se comenta as particularidades da metodologia de pesquisa de um grupo por várias razões:

Em primeiro lugar, porque as pesquisas temáticas comparadas realizadas em conjunto têm desdobramentos diretos sobre a metodologia de pesquisa e as normas de funcionamento adotadas pelo grupo. Um dos critérios para o ingresso no GJOL – se bem que não o único, como vimos antes, – passa a ser o grau de proximidade com as matrizes pesquisadas pelas redes em que o grupo participa. E este critério não se dá por simples razão instrumental, mas porque, se estiver dentro da área de interesse das pesquisas comparadas, o pesquisador terá maiores possibilidades de intercâmbio para seus estudos pós-graduados, principalmente no caso dos doutorandos.

Em segundo lugar, porque a metodologia do trabalho coletivo ganha um novo componente, com a incorporação de colegas com tradições metodológicas, formações culturais e experiências profissionais diferentes. O que qualifica a capacidade de intercâmbio com o enriquecimento da rede de pesquisadores, possibilitando discussões metodológicas e conceituais, que permitem aos membros dos diferentes grupos um aprendizado mútuo, com a consolidação de um saber comum.

Em terceiro lugar, porque a co-orientação passa a assumir, cada vez mais, uma forma institucionalizada de existência, com a cooperação permanente entre os orientadores dos vários grupos. Um recurso que garante um aumento na qualidade da formação por permitir aos pesquisadores em formação um contato com metodologias e bibliografias diferentes, afastando o perigo sempre presente da endogenia, que tanto mal tem feito aos centros de pesquisa em muitos lugares ao longo do tempo.

Um passo à frente com a pesquisa aplicada

Desde 1995, quando os professores Elias Machado e Marcos Palácios desenvolveram o primeiro curso de jornalismo on-line na Faculdade de Comunicação da UFBA, ficou claro que esse tipo de disciplina só pode funcionar em condições laboratoriais. Assim, além de partirmos para a discussão da bibliografia então existente, concebemos e implantamos o primeiro jornal laboratório (*Lugar Incomum*)^{xv}, que deveria servir como espaço para a prática e experimentação.

A criação da Rede Latino-americana para o desenvolvimento de metodologias e softwares para o ensino de jornalismo em redes de banda larga significou a adoção pelo GJOL de uma metodologia de pesquisa capaz de dar conta da produção de programas e aplicativos adaptados aos princípios teóricos discutidos pelo grupo. Uma decisão que levou à inversão no processo de pesquisa. Antes preocupado com a observação, a descrição e a conceituação dos objetos, e agora comprometido com o desenvolvimento tecnológico.

Em vez de simplesmente observar para descrever o pesquisador passa a conceber, projetar, desenvolver e conceituar os objetos, atuando como embrião de um sistema local de inovação em jornalismo^{xvi}. Depois de várias versões de jornais laboratórios online, que culminaram, em 2000, com o *Panopticon*^{xvii}, um veículo direcionado para a observação crítica do jornalismo produzido na Internet, uma primeira versão de plataforma de ensino foi ensaiada: a *Plataforma Panopticon*^{xviii} para o ensino do jornalismo digital aos estudantes de graduação em Jornalismo da FACOM/UFBA, em 2001. Tratava-se de um sistema remoto de publicação de conteúdos com produção descentralizada, elaborado pelos estudantes orientados pela professora Carla Schwingel, em que se buscava

operacionalizar os conceitos sobre as características do jornalismo digital desenvolvidos pelos pesquisadores do GJOL.

Nesta plataforma qualquer aluno matriculado na disciplina poderia publicar matérias sem a necessidade de estar na sala de aula. O próprio trabalho de correção das matérias, antes da postagem definitiva, passava a ser feito através de consultas on-line com o professor da disciplina. Pensado como um sistema aberto de publicação, a *Plataforma Panopticon* possibilitava a interação com os usuários e leitores do periódico. Em todas as reportagens havia um espaço para comentários das notícias e os usuários ainda poderiam enviar artigos para seções específicas.

Como forma de manter atuando em conjunto a equipe que criara e implementara o sistema de publicação à distância do *Panopticon*, os coordenadores do GJOL convidaram o então estudante de jornalismo, Eduardo Miranda, que se encarregara da programação do sistema, para integrar-se ao grupo como técnico de apoio. A proposta era que a equipe participasse de futuros aperfeiçoamentos do sistema *Panopticon* e que continuasse seus estudos pós-graduados, o que, ao menos no caso de Carla Schwingel, acabou por ocorrer, ao ingressar no curso de doutorado no ano 2004, com um projeto sobre os sistemas de publicação no jornalismo digital de terceira geração, totalmente articulado com os objetivos da Rede Latino-americana^{xix} para o desenvolvimento de softwares e metodologias para o ensino do jornalismo em redes de banda larga.

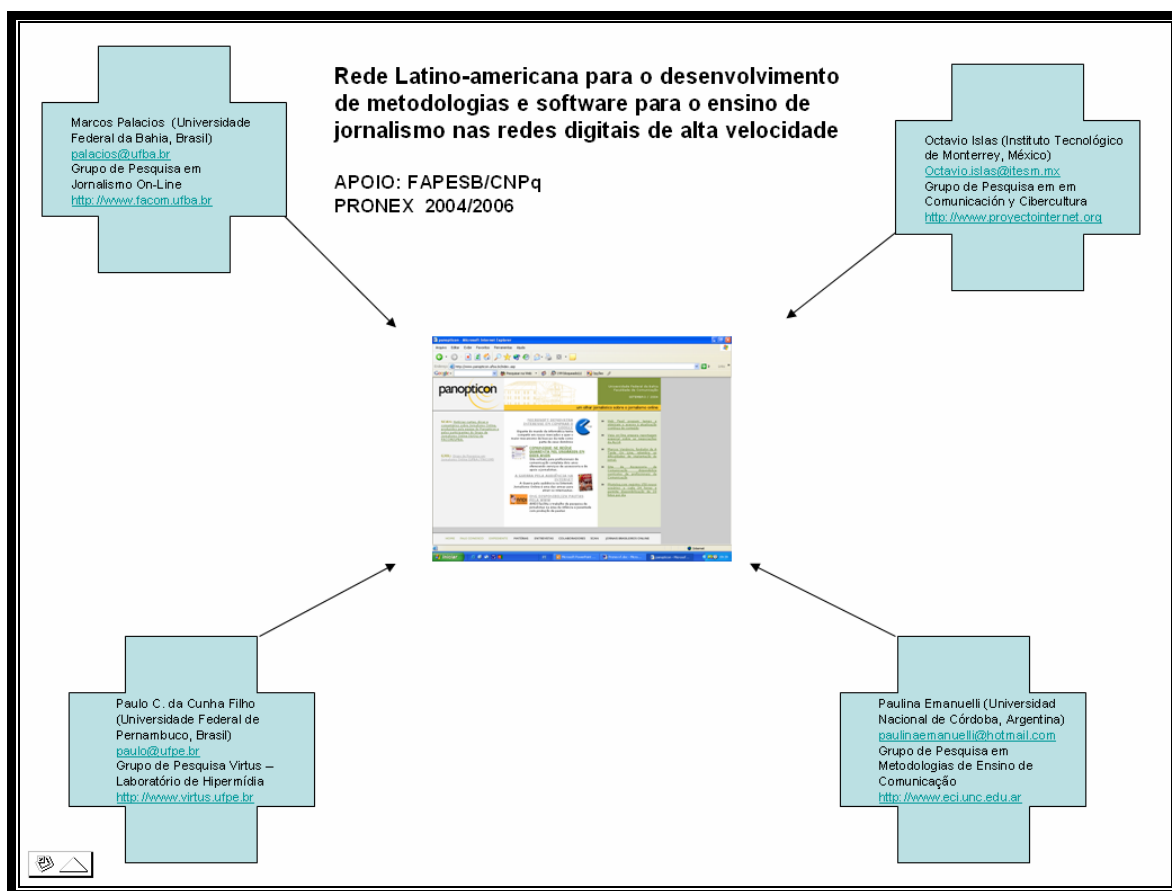


Figura 1: Rede Latino-americana para o desenvolvimento de softwares e metodologias para o ensino de jornalismo em redes de banda larga

Definidas nossas prioridades de trabalho – o desenvolvimento de softwares para o ensino do jornalismo – desenvolvemos esforços em duas frentes: por um lado, estabelecemos acordos de cooperação com universidades congêneres, Tecnológico de Monterrey, Universidad Nacional de Córdoba, Universidade de Santa Maria e Universidade Federal de Pernambuco e, de outro, passamos a estimular trabalhos conjuntos de pesquisa aplicada com pequenas empresas com vocação tecnológica, algumas delas criadas por ex e atuais estudantes da Faculdade ou membros do GJOL.

Neste momento estamos envolvidos em aperfeiçoar a *Plataforma Panopticon* que passará a ser bilingüe e alimentada por estudantes e professores de jornalismo dos cinco atuais e de futuros parceiros da Rede Latino-americana. Após o fim deste trabalho, previsto para o fim de 2006, o antigo sistema de publicação será transformado em plataforma completa, com todas as etapas do sistema de produção de conteúdos para organizações jornalísticas e com ferramentas de ensino à distância.

A atualização e expansão da plataforma está sendo desenvolvida por uma equipe formada pelos professores Elias Machado e Marcos Palacios, a doutoranda Carla Schwingel, e o técnico Lucas Rocha, formado em Ciências da Computação, incorporado inicialmente como bolsista de ATP (Auxílio Técnico à Pesquisa) do CNPq, em agosto de 2004, e selecionado como aluno regular de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, em dezembro de 2004. Em abril de 2005, Leandro Nunes dos Santos, juntou-se à equipe, também como bolsista de ATP.

Como laboratório de pesquisa, o projeto de atualização da *Plataforma Panopticon* permitirá aos pesquisadores envolvidos tanto a elaboração de novos conceitos em artigos, dissertações e teses, quanto o teste empírico da validade das noções teóricas elaboradas pelos membros do grupo. Para os alunos envolvidos no processo, o desenvolvimento do protótipo funciona como etapa do percurso para a conclusão das atividades como estudante de iniciação, mestrado ou doutorado.

Conclusões

Como podemos ver a metodologia de pesquisa do GJOL vai muito além de um conjunto de prescrições, típicas de manuais que ensinam como elaborar projetos de

pesquisa, em que a metodologia aparece como sinônimo de aplicação de um determinado método específico para elaborar e realizar projetos de pesquisa. No GJOL, a metodologia significa o esforço para alterar a lógica e a estrutura de uma prática de ensino-pesquisa-aprendizagem a partir de um complexo de atividades internas e externas ao grupo.

A prática da pesquisa colaborativa como eixo de trabalho em todas as suas etapas, dentro e fora do contexto exclusivo das salas de aula, como defende Brandão (2003:166), é um passo decisivo na transformação de *uma turma de alunos e um grupo de professores*, desiguais quanto ao saber que acumulam, *em equipes de pesquisadores (iniciantes, em formação – mestrandos e doutorandos e seniores)*, diferenciados de acordo com a capacidade individual de participar e contribuir para a busca e criação de saberes construídos coletivamente.

Além disso, é importante ressaltar-se o enlace entre as atividades de pesquisa do GJOL e o ensino de Graduação na Faculdade. Desde o início, nossas atividades de pesquisa estiveram ligadas ao ensino de Graduação, uma vez que foi estabelecimento de uma disciplina optativa e de um jornal laboratório on-line que suscitou a formação de uma parceria de pesquisa entre os professores Elias Machado e Marcos Palacios, que mais tarde daria origem ao GJOL.

Atualmente, uma disciplina obrigatória, de caráter-teórico prático e com 120 horas semestrais (Oficina de Jornalismo Digital) funciona como uma espécie de laboratório para testes de metodologias de ensino e softwares, bem como garante que os conhecimentos teóricos gerados pela pesquisa sejam de imediato repassados aos estudantes de graduação. Disciplinas optativas na área do jornalismo on-line são esporadicamente oferecidas, complementando as atividades da disciplina obrigatória e abrindo um espaço de

aprofundamento e maior qualificação para os estudantes particularmente interessados nessa área de estudos e trabalho. Por outro lado, e inversamente, a disciplina obrigatória facilita a seleção de estudantes interessados na área do Jornalismo Digital, que eventualmente aproximam-se do GJOL, incorporam-se como voluntários ou através de bolsas de iniciação científica, produzem seus trabalhos de conclusão de curso em temáticas relacionadas com os projetos do Grupo e, em alguns casos, transitam com mais facilidade para o âmbito do trabalho pós-graduado.

As disciplinas da graduação colocam-se também como espaço de treinamento pedagógico de nossos mestrados e doutorados, que são incentivados a participarem das atividades de ensino. Do quadro atual de pesquisadores, Suzana Barbosa, Luciana Mielnickzuk, Beatriz Ribas, Luciana Moherdau e André Holanda tiveram a experiência de funcionar como monitores ou assistentes em disciplinas da graduação, colocando em prática e testando os conhecimentos adquiridos em suas pesquisas.

Nestes termos, a aplicação da metodologia, em vez de um exercício individual dos membros do GJOL, levado a cabo pela simples adoção de um conjunto de prescrições, implica na participação orientada no complexo de atividades coletivamente definidas e realizadas pelo grupo. A própria ampliação destas atividades, com o estabelecimento de redes de pesquisa, cooperação internacional, articulação com o ensino de graduação e aproximação com as organizações jornalísticas por meio da pesquisa aplicada resulta mais de uma demanda estabelecida em comum acordo do que de uma determinação imposta de cima para baixo pelos coordenadores^{xx}.

* Jornalista e Doutor em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

** Jornalista e Doutor em Sociologia pela Universidade de Liverpool, Professor Titular de Jornalismo, Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do CNPq.

NOTAS

ⁱ O comentário de Theodor Adorno, no livro **La Sociedad - Lecciones de sociologia**, Buenos Aires: Proteo, s/d., pp. 123 e 124 revela como o simples descarte da pesquisa quantitativa, sem perceber que pode ser um método adequado para descrever as particularidades de vidas padronizadas, pode significar um desconhecimento sobre o que caracteriza as sociedades industriais ocidentais:

“O problema da relação entre a análise quantitativa e a qualitativa em sociologia é de uma imediata atualidade. Os elementos do conhecimento que se fazem de ponte entre os métodos estatísticos e a sua adequada aplicação a determinados conteúdos, são em geral de natureza qualitativa. Hoje, precisamente na América do Norte, onde os métodos quantitativos alcançaram o seu atual desenvolvimento, já se reconhece a necessidade da análise qualitativa, não somente como integração, mas como elemento constitutivo da investigação social empírica.

Sem negar o perigo da superficialidade implícita nos métodos cada vez mais profundamente vinculados ao princípio ciência é medida, é necessário tomarmos cuidado com uma aristocrática atitude de superioridade diante deles. Na medida em que a vida contemporânea está altamente estandardizada por efeito da concentração do poder econômico levada ao extremo, em que o indivíduo é bastante mais importante do que ele confessa, os métodos estandardizados e, em certo sentido, desindividualizados, são, de uma só vez, tempo e expressão de uma situação efetiva, e um instrumento adequado para descrevê-la e entendê-la...”

Ver o capítulo “Integração entre análise quantitativa e qualitativa em A Arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Goldemberg, Mirian. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record. 1997. No final deste capítulo Goldemberg defende uma posição que subscrevemos: “ (...) a integração de dados quantitativos e qualitativos pode proporcionar uma melhor compreensão do problema estudado. Na verdade, o conflito entre pesquisa qualitativa e quantitativa é muito artificial. Arrisco a afirmar que cada vez mais os pesquisadores estão descobrindo que o bom pesquisador deve lançar mão de todos os recursos disponíveis que possam auxiliar à compreensão do problema estudado”. (GOLDEMBERG, 1997:66/67).

ⁱⁱ Estas análises, também chamadas de pesquisas exploratórias, têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o objeto e possibilitar a formulação de juízos que permitam a construção das hipóteses. Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo preliminar de casos. Ver GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática. 2002.. pp. 40.

ⁱⁱⁱ Na definição de GIL (2002:31) hipótese é a proposição testável que pode vir a ser a solução de um problema científico: “Rigorosamente, todo procedimento de coleta de dados depende da formulação prévia de uma hipótese, embora muitas vezes as hipóteses não estejam explícitas. Geralmente, naqueles estudos em que o objetivo é o de descrever determinado fenômeno ou as características de um grupo, as hipóteses não são enunciadas formalmente. Nesses casos, as hipóteses envolvem uma única variável e o mais freqüente é indicá-la no enunciado dos objetivos da pesquisa. Já naquelas pesquisas que têm como objetivo verificar relações de associação ou dependência entre variáveis, o enunciado claro e preciso das hipóteses constitui requisito fundamental” GIL(2002:39).

^{iv} O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Depois de um longo período em que o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de natureza exploratória, a experiência acumulada nas últimas décadas revela que é possível a realização de estudos de caso em períodos curtos, com resultados passíveis de confirmação por outros estudos. Ver YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

^v O Protocolo de Estudo de Caso constitui uma das melhores formas de aumentar a confiabilidade do estudo de caso e a sua elaboração torna-se mais importante quando a pesquisa envolve múltiplos casos. O Protocolo, de acordo com Yin (2001: p. 89), inclui as seguintes seções: 1)visão global do projeto; 2) procedimentos de campo; 3) determinação das questões e 4) guia para a elaboração do relatório.

^{vi} O estudo de campo constitui o modelo clássico de pesquisa no campo da Antropologia. Nos dias atuais sua utilização se expandiu para outros campos como a Sociologia, Educação, Saúde Pública, Administração e Comunicação. Tipicamente, focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Ver GIL (2004:52-3).

^{vii} No conceito clássico de pesquisa participante os membros de uma comunidade são co-participantes no processo de investigação e resolução de um problema. Uma pesquisa participante não se encerra com a elaboração de um relatório, redação de um artigo, dissertação ou tese, mas com um plano de ação que, por sua vez, poderá ensejar nova pesquisa. Neste caso, definimos como pesquisa participante o projeto em que o pesquisador atua como membro da organização que será analisada no estudo de caso. Ver BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983 e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

^{viii} Em Ciências Sociais este tipo de procedimento é chamado de Método de Triangulação. Ver Goldemberg, Mirian. **A Arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record: 1997. pp. 63.

^{ix} Ver GIL (2002:134) "...A categorização consiste na organização dos dados, através de categorias descritivas de análise, de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Nem sempre essas categorias podem ser definidas *a priori* (...) Nas pesquisas quantitativas, as categorias são freqüentemente estabelecidas *a priori*, o que simplifica sobremaneira o trabalho analítico. Já nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos...".

^x Numa paráfrase do texto de Carlos Eduardo Brandão, poderíamos afirmar que, considerada como prática social destinada a gerar interações de criação de saber através de aprendizagens, em que o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende, a pesquisa deve começar por tornar os pesquisadores progressivamente co-autores dos resultados e dos fundamentos dos processos de pesquisa. Ver Brandão, Carlos Eduardo. **A Pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. pp. 23.

^{xi} A norma vale como princípio geral para facilitar a organização das atividades de pesquisa no grupo. Evidente que, muitas vezes, uma proposta apresentada pelos candidatos, que inicialmente estava fora da área de atuação de um dos orientadores, pode contribuir para redirecionar os interesses do pesquisador e do próprio grupo.

^{xii} A Página do GJOL representa um instrumento metodológico essencial para facilitar o acompanhamento da produção e das atividades dos membros do Grupo. Nela estão disponibilizadas para consulta pública artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, livros e teses, programas de disciplinas e uma longa bibliografia impressa e on-line. Ver <http://www.facom.ufba.br/jol>

^{xiii} A *Coleção Pixel*, dirigida pelo professor Elias Machado, lançou até agora a coletânea **Modelos de Jornalismo Digital**, organizada pelos coordenadores do GJOL, Elias Machado e Marcos Palacios, em 2003, adotada como bibliografia de referência nas principais escolas de jornalismo no país. O livro conta com dez capítulos escritos pelos pesquisadores do GJOL.

^{xiii} SCHWINGEL, Carla. A Teoria na prática no jornal experimental Panopticon. In MACHADO, Elias e Palacios, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador. Calandra. 2003.

^{xiii} Ver MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. La experiencia de la enseñanza del periodismo digital en la FACOM/UFBA (1995-2005). IN: CD V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet. Salvador: FACOM/UFBA, 25/26 de Novembro de 2004

^{xiv} JAMBEIRO, Othon & STAUBHAAR, Joseph (Orgs.) **Informação e Comunicação: O local e o global em Austin e Salvador**, Salvador:EDUFBA, 2005.

^{xv} O protótipo pode ser visitado em <http://www.facom.ufba.br/prod/lugar/cell2.html> *O Lugar Incomum*, foi também o primeiro jornal online do Estado da Bahia, antecipando-se aos veículos comerciais online.

^{xvi} No capítulo A necessidade da pesquisa aplicada, do livro *O ciberespaço como fonte para os jornalistas* do professor Elias Machado são apresentadas discussões mais detalhadas sobre os sistemas locais de inovação e os desafios de sua implantação no campo do jornalismo. Ver MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

^{xvii} O *Panopticon* foi concebido pelo Professor Marcos Palácios e desenhado pela estudante Beatriz Ribas, que funcionava também como web-master da publicação.

^{xviii} SCHWINGEL, Carla. A Teoria na prática no jornal experimental Panopticon. In MACHADO, Elias e Palacios, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador. Calandra. 2003.

^{xix} Ver MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. La experiencia de la enseñanza del periodismo digital en la FACOM/UFBA (1995-2005). IN: CD V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet. Salvador: FACOM/UFBA, 25/26 de Novembro de 2004.

^{xix} O modo como compreendemos a metodologia no GJOL tem muito de semelhança com o que Paulo Freire defende no livro *Pedagogia da Autonomia: (...) ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (...)* Ver FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: 30ª ed. Paz e Terra. 2004, pp. 26.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, s/d.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos. A experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez Editora. 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 30ª ed. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 7ª ed, 2003.

LEMONS, André, CARDOSO, Cláudio, PALACIOS, Marcos. Uma Sala de Aula No Ciberespaço: Reflexões e Sugestões A Partir de Uma Experiência de Ensino Pela Internet. **Análise & Dados**. Salvador: CEI Ed., v.9, n.Junho, p.68 - 76, 1999.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. O ensino do Jornalismo nas Redes Digitais: um Modelo de Jornal Laboratório Multi-Usuário In: **11º Congresso Internacional de Educação à Distância**, Salvador, 2004a.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. La experiencia de la enseñanza del periodismo digital en la FACOM/UFBA (1995-2005). In **CD V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 25/26 de Novembro de 2004b.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. La enseñanza del periodismo digital en la FACOM/UFBA. In Anais do I Encuentro de la RED ICOD/Programa ALPHA. Havana: Universidad de Havana, Dezembro, 2004c.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador. Calandra. 2003.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. **Manual de Jornalismo na Internet**, Facom/UFBA, 1996, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.html>

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador. Calandra. 2003.

MACHADO, Elias, MIRANDA, Clarissa Borges M . Gêneros narrativos no jornalismo digital baiano. **Pauta Geral**, Salvador, v. Vol 5, p. 105-117, Novembro 2003.

MACHADO, E.; JESUS, C. B. ; MIRANDA, M. N. . Modelos de produção de conteúdos no jornalismo digital baiano. In: Jorge Pedro Sousa. (Org.). **Jornalismo de Referência. Actas do I Congresso Luso-.** Porto, 2004, v. , p. 413-420.

MIELNICZUK, Luciana & PALACIOS, Marcos. Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>

PALACIOS, Marcos. Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva, in: *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999. Originalmente apresentado no Encontro Nacional da COMPÓS, Belo Horizonte, 1999, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.html>

_____ Jornalismo Online, Informação e Memória: apontamentos para debate. Trabalho apresentado no Workshop de Jornalismo Online, 2002, Covilhã - Portugal.

_____ Internet as System and Environment in Cyberspace: Preliminary Ideas from an Ongoing, in *TripleC*, vol. 1, n. 2, 2003, disponível em <http://triplec.uti.at/articles>

_____ Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória, in: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003, disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>

PALACIOS, Marcos, MIELNICZUK, Luciana, BARBOSA, Suzana, RIBAS, Beatriz e NARITA, Sandra. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro, trabalho apresentado no Redecom, Salvador 2002, disponível em : <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>

PALACIOS, Marcos & MUNHOZ, Paulo. The Uses of Photography in the On-line Journalism of the Major Newspapers of Brazil and the United States: elements for comparison, trabalho apresentado no Colóquio Brasil Estados Unidos, Austin University, Texas, 2004.

_____ O uso da fotografia no jornalismo oon-line em Salvador e Austin: primeiros elementos de uma análise comparativa, in: Jambeiro, Othon & Straubhaar, Joseph. Informação e Comunicação: o local e o global em Austin e Salvador, Salvador: EDUFBA, 2005.

SCHWINGEL, Carla. A Teoria na prática no jornal experimental Panopticon. In MACHADO, Elias e Palacios, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador. Calandra. 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso. Planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman. 2005.